

MEDIAÇÃO DA CULTURA VISUAL NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGOS PROPOSITIVOS

Paula Francinete Barros Bezerra / Universidade Federal do Maranhão
João de Deus Vieira Barros / Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

O presente artigo pretende analisar como as práticas educativas de mediação cultural relacionadas ao conceito de cultura visual proporcionam experiências significativas na construção de conhecimentos de mundo do indivíduo, além de contribuir para o exercício do olhar em meio à multiplicidade de conceitos da arte contemporânea. Para tanto, o estudo norteia-se a partir de reflexões sobre a fenomenologia da percepção de Merleau Ponty, identificando as contribuições deste filósofo para a compreensão do 'saber sensível', da valorização da percepção primeira sobre as imagens, percebendo o fenômeno artístico e a cultura visual sob o viés da experiência do indivíduo com o mundo na construção de significados próprios e da noção de sensação.

PALAVRAS-CHAVE

mediação; cultura visual; arte contemporânea; fenomenologia da percepção.

ABSTRACT

This article aims to analyze the educational practices of cultural mediation related to the concept of visual culture provide significant experiences in building the individual world of knowledge and contribute to the exercise of looking through the multiplicity of concepts of contemporary art. Therefore, the study is guided from reflections on the phenomenology of perception of Merleau Ponty, identifying the contributions of this philosopher to understand the 'know -sensitive', the appreciation of the first perception of the images, realizing the artistic phenomenon and visual culture viable under the individual's experience with the world in the construction of own meanings and sense of notion.

KEYWORDS

mediation; visual culture; contemporary art; fhenomenology of perception.

Introdução

Com base na compreensão de que a atual sociedade demanda ritmos de vida acelerados e imediatistas, a nossa capacidade de interpretação do mundo tem se tornado limitada a medida que não exercitamos nosso olhar para as imagens do cotidiano: a cultura visual. Nossa percepção primeira da realidade, assim como o processo de construção de conhecimentos no campo educativo encontram-se fragmentados, não recebendo estímulos para o diálogo, para a troca de significados e relações entre conceitos e imagens.

Por este aspecto, sabe-se que a arte constitui uma forma de exercitar a nossa capacidade criativa, de estabelecer conceitos, criar e recriar significados conforme ela se constrói, sob diversas formas, em diferentes contextos sócio históricos. Uma das funções da arte na educação pauta-se na mediação, no diálogo, na interlocução entre a própria arte, a sociedade e o indivíduo, entre as imagens, significados e o cotidiano individual e coletivo; estimulando nossa percepção e processo de construção contextualizada de conhecimentos.

O acesso à cultura e apropriação da arte através de metodologias que oferecem múltiplas possibilidades de transmitir uma informação, bem como interpretar, comunicar, facilitar o desenvolvimento da imaginação no criar e recriar significados a partir dos estímulos visuais contextualizados e dinâmicos, dentro de uma abordagem fenomenológica nos permite compreender que há diversos canais de apreensão do objeto de arte que necessitam serem exercitados em sala de aula.

Nessa perspectiva, pensar a relação do indivíduo com o objeto de arte na contemporaneidade possibilita uma análise mais apurada das contribuições da fenomenologia da percepção de Merleau Ponty quanto às sensações. O pensamento e o ato de ver estão interligados. Uma obra de arte é o resultado dessa relação; experiência a qual o artista traduz por meio de um trabalho artístico onde o apreciador também vive a experiência de recriar seu sentido a partir de suas vivências.

Cultura visual na contemporaneidade e aspectos da fenomenologia da percepção

A arte encontra-se presente no cotidiano sejam nas manifestações de cultura popular, músicas, danças, nas cidades, pinturas, esculturas, fotografias, dentre outras expressões, é preciso conhecer essa linguagem como parte intrínseca da sociedade. No contexto contemporâneo, esta linguagem possibilita uma multiplicidade de pontos de vista, relações abertas, em processo, que dialogam entre si e exigem uma atitude e um olhar investigativos, desveladores que necessitam serem exercitados frequentemente, assim como uma participação efetiva do apreciador.

A relação com o objeto de arte exige percepção sensorial, conhecimento histórico e de mundo, referências pessoais e sociais, experiências cotidianas, reflexão, múltiplas interpretações, crítica e tantos outros aspectos que, não permitem mais uma análise cartesiana. A arte contemporânea ultrapassou as formas tradicionais de representação das artes plásticas, traduzindo a fluidificação do suporte. Em suas várias expressões: instalações, vídeoinstalações, intervenções, vídeo-arte, arte conceitual, a arte contemporânea exige um diálogo com o público, convocando-o a participar do trabalho artístico.

Deste modo, situamos a cultura visual para além das imagens materiais, mas que também se relacionam com as visualidades que são frutos da imaginação, como na leitura de um texto onde é possível visualizar as cenas narradas pelo autor, ou seja, criam-se imagens mentais. Tais imagens simbólicas resultam da experiência própria do indivíduo na sociedade, pois “o visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que se apreende pelos sentidos” (MERLEAU PONTY 2004, p. 28).

Nesse entendimento, até dois indivíduos de um mesmo local também possuem maneiras de compreensão e representação, de uma determinada visualidade diferente. Assim, a cultura visual é algo subjetivo, que revela a particularidade de cada indivíduo, do meio, seu cotidiano, onde este deixa refletir aspectos relacionados ao conhecimento e ao contexto em que está inserido em sua visualidade.

Merleau Ponty aponta para a imersão do pensamento no mundo vivido, pela superação de uma relação mediada pela representação e a retomada do olhar primeiro so-

bre o mundo. A busca de essências puras, o pensamento sobre o mundo não deve, portanto, substituir a experiência do mundo. Para o filósofo, resgatar a fluidez, o inacabado, o instável do mundo e do humano é um esforço traduzido na ressignificação do mundo vivido. Fato este que se encontra diretamente relacionado com a produção artística contemporânea.

Como aborda Arantes (2005, p. 36) os trabalhos artísticos a partir dos anos 60 passam a questionar “[...] a visão contemplativa do observador em relação ao objeto estético [...]” e convocam “[...] o público a explorar a obra de arte com a utilização de outros sentidos além do olhar”. A autora exemplifica ainda essa abordagem citando Gullar *apud* ARANTES, 2005, p. 36:

[...] o espectador – que já então não é apenas o espectador imóvel – é chamado a participar ativamente da obra, que não se esgota, que não se entrega totalmente, no mero ato contemplativo: a obra precisa dele para se revelar em toda a sua extensão.

O diálogo com a vida é, portanto, condição de possibilidade para a própria criação, para a produção artística e a constituição de seu criador, sínteses de complexos processos que entrecruzam conhecimentos, emoções, vivências, vozes sociais, história. Mas toda obra de arte é obra somente na medida em que é continuamente recriada pelo apreciador, por aquele que com a obra de arte dialoga e estabelece relações estéticas, relações sensíveis, atentas à polissemia da vida e às possibilidades de sua reinvenção. Assim,

[...] o mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentidos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele e, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixarmos viver para nele penetrar. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 1)

Nossa experiência com o mundo torna-se significativa para a apreciação do objeto de arte contemporâneo. Há diversos canais de acesso a obra de arte que vão além de instrumentais teóricos, que perpassam pelo campo das sensações e vivências particulares.

O atual contexto da Arte orienta para a interação do indivíduo com o objeto de arte. A relação obra-espectador passa a apresentar diversos canais de recepção. O olhar contemplativo assume um caráter de olhar curioso, instigador, perceptivo, crítico e participativo do trabalho de arte, promovido pelas primeiras manifestações na arte no estilo considerado contemporâneo ou arte contemporânea.

De fato, [...] a relação entre o espectador e a arte contemporânea é, pelas próprias características que envolvem essa comunicação, ativa e crítica porque requer uma disponibilidade de sensações e sentidos aos quais ambos não estavam acostumados. Há a necessidade de contatos interrelacionais nessa comunicação estética que se deixem envolver pela organização processual de existência da obra. (MENDONÇA, 2009, p. 3946)

Essa compreensão da experiência do sensível na arte contemporânea pode ser evidenciada também no livro *Fenomenologia da Percepção* de Merleau Ponty quando este filósofo faz apontamentos sobre as pinturas de Cézanne como uma busca ou retomada das origens, da experiência primitiva do mundo, pois o que interessava ao pintor era transportar para a tela a relação da experiência com o mundo, buscando a emoção, a profundidade do ser, não apenas a imagem, mas a própria realidade. Por outras palavras, o pintor queria ser fiel aos fenômenos, queria pintar o próprio mundo.

A partir do século XX a arte ampliou seu espectro de ação sensorial. As artes visuais passaram a integrar outros sentidos para além do campo visual; a exemplo das imagens simbólicas e a experiência vivenciada em uma exposição, onde não só a visibilidade permite a apreensão do trabalho de arte, como também, a visão, relacionada aos outros sentidos (auditivo, olfativo, tátil, etc).

As formas artísticas contemporâneas possibilitam não só ao artista, mas também ao fruidor o exercício da sensorialidade. Cada diálogo será diferente e imprevisto, pois segundo Merleau Ponty somos exteriores à linguagem, nela temos a disposição uma infinidade de caminhos que nunca mostram para onde irão nos levar. A Cultura Visual amplia a percepção do apreciador, pois esta:

[...] se constitui como reflexão e crítica de uma “condição” contemporânea que é incerta, instável e contraditória, porque nós, seres humanos, vivemos e convivemos em um mundo interpretado, um universo simbólico em que as coisas que fazemos e dizemos se inscre-

vem num discurso temporal e provisório. A cultura visual questiona e discute a necessidade de rever e ambientar o conceito de valor num mundo onde experiências do cotidiano sugerem novos modos de perceber, sentir e pensar. Essas novas formas de perceber, sentir e pensar subvertem conceitos e trazem implicações epistemológicas e políticas para as práticas visuais e para o modo como elas são tratadas nas instituições acadêmicas. (MARTINS, 2006, p. 07)

A sociedade é constituída de diversas interpretações e modos de ver, pensar, sentir e perceber. Na perspectiva da Cultura Visual, o indivíduo está sempre em trânsito, se construindo e reconstruindo a partir do seu imaginário particular e coletivo. Nesse contexto, o exercício da mediação educativa para a Cultura Visual abrange um conhecimento que começa pelo indivíduo, que parte das suas vivências, opiniões, olhares, sensações primeiras e construídas, valores, porquês, dúvidas, entre outros detalhes. Parte do conhecimento particular para o conhecimento coletivo, amplo, ligado a referências teóricas, visões de mundo, influências sociais, econômicas e históricas, para então dialogar com o trabalho de arte e as práticas educativas construídas para esse exercício de correlações.

Portanto, a Cultura Visual no cenário contemporâneo explora não só o campo da visualidade como também o campo do sensorial na construção de imagens simbólicas. O objeto de arte contemporâneo apresenta diversos canais de apreciação que se encontra diretamente ligado ao pensamento de Merleau Ponty no que se refere ao campo das sensações, percepções e experiências com o mundo.

Mediação cultural e educativa: expressões do sensível entre o visível e invisível

Segundo Nathalie Heinich (2008, p. 87), “o termo ‘mediação’ [...] designa tudo o que intervém entre uma obra e sua recepção [...]”. A mediação é o elo que promove contatos, interações e relações do trabalho artístico com o indivíduo, no campo da arte. Porém, numa visão mais ampla, o conceito de mediação perpassa por várias áreas do conhecimento, sendo utilizado pelas mesmas em suas concepções e possuindo características específicas em cada uma destas áreas.

Dentro desses diferentes contextos, o sentido aqui empregado refere-se à mediação cultural enquanto ação educativa. Uma relação de troca de conhecimentos, de refle-

xão crítica sobre o mundo social e cultural que permite ao indivíduo se perceber enquanto atuante nessa construção da realidade.

No campo da educação, a mediação também tem sido utilizada para respaldar o perfil atual do professor, compreendido enquanto educador/propositor de conhecimentos. O professor, também um mediador, deve buscar trabalhar os conteúdos de modo diversificado, conforme as particularidades de cada turma, mesmo que os conteúdos sejam os mesmos, as abordagens serão diferenciadas a partir do contexto particular de cada sala de aula. O perfil de cada turma determinará as didáticas utilizadas pelo professor no estabelecer de conexões entre os conteúdos e as vivências cotidianas dos alunos.

Pensando essa relação recíproca entre educação/cultura/mediação/indivíduo, alguns autores focam suas análises nas proposições que esta relação tem possibilitado para ampliar os conceitos de mundo através de um exercício de olhares, diálogos provocativos e troca de experiências que criam e recriam reflexões, percepções, conexões e múltiplas significações sobre o universo particular e coletivo dentro de contextos específicos.

Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo contato, com a experiência de conviver com a arte. Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vistas diversos, valorizar as diferenças, problematizando também para nós o convívio com a arte. Muito mais do que ampliar repertórios com interpretações de outros teóricos, a mediação cultural como a compreendemos, quer gerar experiências que afetem cada um que a partilha, começando por nós mesmos. Obrigamos, assim, a sair do papel de quem sabe e viver a experiência de quem convive com a arte. (MARTINS, 2006, p.3)

Como aborda Martins, a mediação abrange um conhecimento que começa pelo indivíduo, que parte das suas vivências, opiniões, olhares, sensações primeiras e construídas, valores, porquês, dúvidas, entre outros detalhes. Parte do conhecimento particular para o conhecimento coletivo, amplo, ligado a referências teóricas, visões

de mundo, influências sociais, econômicas e históricas, para então dialogar com o trabalho de arte e as práticas educativas construídas para esse exercício de correlações.

Nesse processo, o trabalho de mediação cultural exige dos mediadores/educadores não só uma gama de novas competências ligadas a um conhecimento amplo do mundo e de fatos atuais, mas didáticas e metodologias previamente elaboradas que possibilitem ao mediador estabelecer conexões entre os trabalhos de arte e as informações e vivências do público em conjunto, ampliando discursos com os saberes individuais e do grupo.

E, um dos instrumentos utilizados pelos mediadores/educadores que tem possibilitado esse estabelecer de conexões é a pergunta provocativa. “A função da pergunta é levar a pensar, estimular associações e interpretações” (BARBOSA, 2009, p. 20). O mediador/educador responde aos questionamentos do indivíduo na mediação com propostas que permitam que este indivíduo reflita e elabore modos de relacionar ideias, mediando as experiências culturais e estimulando a construção coletiva do conhecimento.

A mediação consiste em interagir o espaço, os objetos, o contexto com os indivíduos envolvidos neste processo, explora o elo que se cria entre o mediado e o mediador, visando despertar a curiosidade e transformando-a em aprendizado a apropriação das informações fornecidas e expostas para seu aprimoramento intelectual. (BRITO, 2013, p. 108)

O mediador possui funções que vão além de emitir informações históricas sobre as obras, ele aguça a interação, a discussão, a construção da criticidade. Para melhor compreensão desse complexo que é a mediação cultural e educativa, podemos entendê-la então, enquanto um conjunto que abrange aspectos básicos, como: o trabalho de arte para apreciação, o mediador/educador e as informações das obras e seu conceito, o apreciador e suas experiências individuais, as referências históricas e culturais de mundo e do trabalho artístico, a metodologia e os suportes de apoio a mediação (material didático orientador) como parte da mediação indireta.

São estes aspectos co-relacionados que Darras (2009, p. 37) enfatiza ao estudar as várias concepções de cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural, centrando sua análise nos principais setores da mediação: o mediador e suas crenças e *expertise*¹, o objeto cultural mediado, o espectador e suas crenças e o mundo cultural de referência.

Deste modo, conforme Darras (2009, p. 37), a mediação da cultura (das culturas) pode ser sintetizada em quatro aspectos que se inter-relacionam, exemplificados pelo seguinte diagrama:

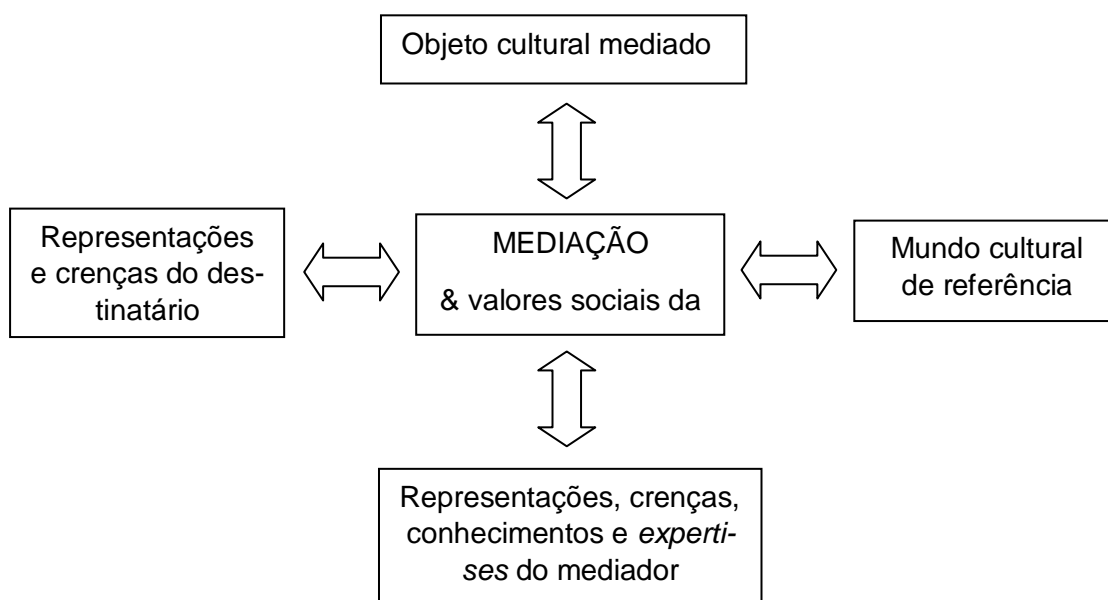


Diagrama (DARRAS, 2009, p. 37)

Com esse enfoque, compreende-se que a mediação cultural e educativa demanda um conjunto de fatores amplos e específicos a cada contexto que possibilitam sua prática. Portanto, torna-se necessário percebê-la enquanto uma prática pedagógica que instiga o olhar e a curiosidade a partir de uma metodologia construída para esta mediação. Metodologia que possibilita um intercâmbio entre a palavra e a imagem, o silêncio e a expressão de pensamentos, percepções e análises, relações e correlações interativas, olhares curiosos, dúvidas, questionamentos, provocações, interpretações diferenciadas, contextos, entre outros aspectos que contribuem para que o

indivíduo seja não só um observador, mas um apreciador/leitor-recriador de significados.

As imagens potencializam o problema em questão inundando as várias dimensões da vida humana e criando uma sobrecarga imagética que influencia comportamentos, induz preferências e simula desejos e expectativas. Nesse sentido, o potencial inerente às imagens se transforma em ameaça criando a necessidade de uma educação da cultura visual que priorize o desenvolvimento do senso crítico [...]. (VALENÇA & MARTINS, 2007, 887)

O papel que a mediação cultural e educativa na escola e espaços alternativos de educação como instituições culturais (Galerias e Museus) têm exercido uma função essencial permitindo uma reflexão crítica por parte do indivíduo ao entrar em contato com o trabalho artístico e a rede de conceitos e saberes interdisciplinares que envolvem uma exposição, como também o “saber sensível” proposto por Merleau Ponty em seu discurso sobre a fenomenologia da percepção.

Faz-se necessário pensar de que forma estamos recebendo essas mensagens visuais e de modo mais ampliado, como a mediação cultural contribui para uma aproximação do indivíduo com o trabalho artístico, considerando os aspectos aqui abordados quanto aos diversos canais de percepção que a arte possibilita. De acordo com Orloski (2008, p.15) “[...] através da visualidade nos comunicamos, nos expressamos, e o fato dessa comunicação ser excessiva, faz com que a maior parte das pessoas perca a capacidade de crítica em relação aos elementos visuais que lhes são oferecidos”.

Precisamos enquanto educadores compreender o potencial crítico e reflexivo que a atuação por meio da mediação da cultura visual possibilita pensarmos como direcionar nossa prática educativa voltada para uma percepção ampliada da realidade que ultrapasse concepções fechadas e pense a educação para a arte pelo campo da experiência significativa diante uma produção artística.

Considerações finais

Em uma sociedade dominada por tecnologias que evidenciam a técnica perante o conhecimento sensível, a arte estabelece uma relação de mediação com o mundo,

possibilitando que o mesmo seja apreendido a partir de experiências estéticas que dialogam com as proposições da contemporaneidade. No discurso de Merleau Ponty, para uma obra ser expressiva é necessário que o artista provoque o outro, escute o que ele tem a dizer, pois só assim a obra poderá reconhecer a si própria.

Esta reflexão partiu de uma rápida contextualização sobre a cultura visual no contexto contemporâneo, abordando alguns aspectos do pensamento de Merleau Ponty e relacionando a concepção de mediação cultural do objeto de arte e suas relações com a experiência do sensível.

As múltiplas possibilidades que a arte contemporânea permite, além da sua proximidade com o cotidiano particular e/ou coletivo, necessitam de um olhar atento, sensível que passam a serem estimulados e exercitados com a prática educativa da mediação. Esta contribui em suas ações para a construção de um diálogo crítico e reflexivo através de estratégias e metodologias didáticas de aproximação do público com o trabalho de arte, com as imagens do mundo. Assim, “[...] fica evidente a importância de uma educação orientada para a visualidade contemporânea, ou seja, uma educação da cultura visual” (VALENÇA & MARTINS, 2007, p. 890).

Pois, “a vida contemporânea nos convoca para múltiplos pontos de vista, para conexões sempre abertas” (MARTINS, 2007, p. 1035). Pensar a educação visual, o exercício contínuo do olhar em um meio transitório onde as imagens se modificam e transmitem conceitos e ideias que passam a serem arraigadas ao nosso pensamento, sem que seja dado um tempo para a reflexão, para a crítica, para a interlocução, consiste em um quesito primordial para a educação da cultura visual na contemporaneidade.

Com este enfoque, verificamos que a mediação compreende não só um objeto, um indivíduo ou a relação entre os mesmos, mas todo o ambiente, contexto, percepções e sujeitos envolvidos. Esta concepção possibilita uma sensibilização em conjunto do trabalho fundamental que esta categoria exerce na construção e reconstrução de conceitos de mundo. Ou seja, através da mediação “[...] deve-se propiciar que o público construa sua própria interpretação, junto ao mediador e à obra, acionando seus saberes e os repertórios próprios a seu cotidiano” (MUNIAGURRIA, 2006, p. 71).

Assim como referencia MENEZES (2007, p. 76), “é preciso manter uma constante postura crítica, assim como abertura para a descoberta de diferentes olhares, interpretações e práticas”. A mediação educativa para a cultura visual no contexto da arte contemporânea, não se conclui, mas instiga caminhos, olhares e diálogos em processo a partir da experiência estética e vivências de mundo.

Notas

¹ Corresponde ao conhecimento apreendido pela experiência.

Referências

ARANTES, Priscila Almeida Cunha. *Arte e mídia: perspectivas da estética digital*. São Paulo: SENAC, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In BARBOSA, Ana Mae & COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009.

BRITO, Ana Maria Plech de. *A mediação docente no ambiente virtual de aprendizagem: entre meios, modos e provocações*. Dissertação (Mestrado em Educação), UNITI, Aracaju, 2013.

COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense - Coleção primeiros passos, 2006.

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In BARBOSA, Ana Mae & COUTINHO, Rejane Galvão. (Orgs.) *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009.

FUSARI, Maria F. de Rezende & FUSARI, Maria Heloísa C. de T.. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2001.

HEINICH, Nathalie. *A sociologia da arte*. Tradução: Maria Ângela Casselato. Bauru: Edusc, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; TELLES GUERRA, M. Terezinha. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1988.

_____. (coord.). *Curadoria educativa: inventando conversas*. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, p.9-27, jan/jun 2006.

_____, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarrilhos na cultura*. 2ª edição, São Paulo, Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste. *[Con]tatos com mediação cultural: ressonâncias de um ciclo de conversações no SESC Pinheiros em São Paulo*. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/2007/2007/artigos/105.pdf>>. Acesso em 22/03/2015.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria, Ed. UFSM, 2011.

_____. Porque e como falamos da cultura visual? In: *Visualidades – Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual*, V. 4, N. 1 e 2, janeiro/junho e julho/dezembro de 2006.

_____. Sobre textos e contextos da cultura visual. In: *Visualidades – Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual*, V. 4, N. 1 e 2, janeiro/junho e julho/dezembro de 2006.

MENDONÇA, Vera Rodrigues de. *O contexto e a mediação da recepção na arte contemporânea*. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/2009/pdf/ceav/vera_rodrigues_de_mendonca.pdf>. Acesso em 22/03/2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas*. Trad. Fábio Landa; Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos A. R. Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MUNIAGURRIA, Lorena Avellar de. *Ganhar o olhar: estudo antropológico de ações de mediação em exposições de artes visuais*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, 2006.

ORLOSKI, Chirstiane de Souza Coutinho. *Educação, visualidade e informação em materiais gráficos educativos*. Dissertação de Mestrado, UNESP, 2008, Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=154797> Acesso em: 22/03/2015.

VALENÇA, Kelly Bianca Clifford & MARTINS, Raimundo. *Arte Contemporânea, cultural visual e formação do professor de arte*. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/2007/artigos/090.pdf>>. Acesso em: 10/02/2015.

Paula Francinete Barros Bezerra

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, linha de pesquisa Arte, Cultura e Imaginário na Educação. Graduada em Licenciatura em Artes Plásticas pela UFMA. Trabalha como Gestora e Mediadora Cultural pela Galeria de Arte do Sesc no Maranhão e atuou como Professora Substituta do Departamento de Artes da UFMA e Professora Formadora pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais EaD pela mesma instituição.

João de Deus Vieira Barros (Orientador)

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – USP (1996), Professor e Coordenador do Grupo de Pesquisa Arte, Cultura e Imaginário na Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Em suas pesquisas, dedica-se aos diálogos sobre o estudo do imaginário, educação e da arte no contexto contemporâneo, com foco numa concepção de educação para a sensibilidade que busca o aprimoramento do ser e o conhecimento de um eu profundo de cada educando/educador.